

Modernismo após o centenário de efeméride: apresentação

Passadas as celebrações do centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo, o modernismo segue suscitando indagações e explorações acadêmicas em diferentes áreas do conhecimento, letras, artes e ciências sociais especialmente. É próprio das efemérides produzirem balanços, e em 1972, quando do cinquentenário do movimento modernista, foi assim. A crítica pioneira, como a de Alceu Amoroso Lima, e os então jovens críticos, como Silviano Santiago, por exemplo, se ocuparam bastante da tarefa. No caso do centenário, a crítica especializada acabou não aparecendo tanto, em meio à máquina midiática, especialmente, no mercado editorial, senão numa espécie de julgamento dos chamados semanistas, pela sua cor branca, origem social aristocrática e concepções consideradas misóginas. O passado, como todos já estamos sabendo após duas décadas de guerras culturais abertas, é mesmo um território em disputa.

O curioso, nessa revisão anacrônica do modernismo, que supõe um voluntarismo extremado na trama da vida social, como se condicionantes e estruturas inexistassem, a responsabilidade devendo, portanto, recair sobre as costas de indivíduos - em acepção neoliberal igualmente anacrônica para os anos de 1920 - foram as reificações produzidas. Como a vida social não segue uma lógica de consequências voluntárias, muito do que foi condenado na efeméride acabou por reforçar traços que a crítica acadêmica especializada já vinha há muito questionando e desconstruindo. Dito de outra forma, a lógica própria da efeméride, como luta simbólica e mercadológica, acabou por reafirmar a própria centralidade do modernismo e mais ainda da Semana de Arte Moderna na cultura brasileira. Ainda que em seus traços mais superficiais ou idiossincráticos. A recepção diz sempre mais sobre os receptores e seus contextos do que sobre aquilo que se está transmitindo, comunicando.

Nesse sentido, o título “Modernismos no Brasil: textualidades e travessias” é representativo dessas questões, não apenas em suas diversidades estéticas, culturais e políticas, mas também nas dinâmicas de seus conflitos entre o programa do movimento da primeira metade do século XX e suas ressonâncias contemporâneas. Por isso, falar em modernismos é mais do que apontar para uma variedade temática ou regional. É ressaltar a vitalidade dos ventos que agitaram o Brasil daquele início de século, por meio de livros, exposições, periódicos, cartas, viagens e conferências, bem como as continuidades e descontinuidades de suas propostas para os tempos de agora e que ainda estão por vir.

O presente dossiê não pretende ser uma resposta ao modo de comemoração da efeméride, ainda que busque retomar alguns dos temas nela valorizados, dessa vez, como problemas intelectuais, estéticos e mesmo políticos num sentido mais amplo.

Assim, a primeira problematização é da própria centralidade da Semana de Arte Moderna no modernismo, se entendido num sentido mais amplo, como movimento cultural. Ela foi o estopim ou um sintoma de processos mais amplos de questionamento e luta pela reorientação da cultura brasileira? Nossa dossiê, traz, nesse sentido, artigos que tanto questionam o sãopaulocentrismo do modernismo, trazendo outras geografias e experiências, quanto distendem a agenda que deu vida no tempo.

O pouco conhecido sarau no Theatro Municipal de São Paulo, em 1917, e o protagonismo de Afonso Arinos e seu livro póstumo *Lendas e tradições brasileiras* são recuperados por Maria Laura Cavalcanti, que também lembra da ida dos músicos do Rio de Janeiro conduzidos pelo violonista João Pernambuco. Para ela, o sarau embaralha fronteiras entre as cenas culturais erudita, folclórico-tradicionais e popular-urbana, e abre brechas na perspectiva tradicionalista das conferências, iluminando a agência e a criatividade dos artistas populares urbanos.

A geografia política complexa do modernismo, como difusões, recepções e repetições com diferenças vem à tona em dois artigos sobre o norte e o nordeste brasileiros. Leandro Pasini discute o que seria um “polo modernista amazonense” no fim dos anos 1920, constituído em torno do editor, escritor e agitador cultural Clóvis Barbosa, que esteve à frente de três revistas modernistas de volume único publicadas em Manaus em 1929: *Primeiro de Janeiro* (1929),

equador: cartaz de brasiliade (1929), equador: panorama literário do Norte de hoje (1929). Já Andrea Borges Leão analisa *as estratégias da geração de intelectuais modernistas cearenses atuantes entre as décadas de 1930 a 1950. Reunidos na Editora Fortaleza, no periódico Valor (1938-1947) e no grupo e revista Clã (1946-1988), foram os mediadores necessários para a circulação de ideias estéticas e modelos institucionais.*

O lugar do modernismo na crítica de Roberto Schwarz, suas continuidades e descontinuidades com as suas interpretações de Machado de Assis são analisados por Ana Karla Canarinos.

A alma do Tempo, de Afonso Arinos de Melo Franco, distende o modernismo no tempo, mas também no espaço no artigo de Carmen Felgueiras, que analisa três cidades nas memórias do autor: Belo Horizonte, Brasília e Petrópolis.

Um segundo deslocamento diz respeito às visões mais canônicas sobre os próprios ícones do modernismo paulista, especialmente Mário de Andrade, sem dúvida, um dos semanistas mais maltratados na efeméride, paradoxalmente, talvez, por sua condição de homem gay, mulato (na terminologia da época) e pobre o que o tornava – e torna mais frágil socialmente - dentro do grupo tão privilegiado dos cafeicultores e especuladores financeiros modernistas. E também de sua obra maior, e, talvez, a principal realização em prosa do modernismo, *Macunaíma* (1928). Ambos permanecem interpelando a crítica e, pelo que tudo indica, não terminaram de dizer tudo o que nos têm a dizer.

Nessa parte reunimos o trabalho de Barbara Alves Matias, Carolina Fabiano de Carvalho, Eduardo dos Santos Coelho. O artigo tensiona visões nacionalistas do livro de Mário de Andrade, que, contra a corrente do seu tempo, já constituiria uma ontologia oscilante, uma desnacionalização do Brasil, uma aposta no inacabamento. O livro nonagenário é tensionado novamente pela peça *Makunaimã: o mito através do tempo* e o documentário *Por onde anda Makunaíma?* Obras que, como sugerem Eduardo Miranda Silva, Luisa Chaves de Melo, Marina Burdman da Fontoura, apontam para uma certa apropriação e dessacralização do mito de Makunaima, ao mesmo tempo em que reconhecem a importância do livro do escritor modernista.

Marcelino Rodrigues da Silva insiste, por sua vez, numa concepção romântica da cultura popular, em Mário de Andrade, embora, reconhecendo que ele manteve relações complexas com as manifestações urbanas e midiáticas, oscilando entre a rejeição, o estranhamento e a sedução. Regiane Matos, Nadia Ayelén Medail perguntam o quanto e quais lógicas patriarcais atravessam as redes de sociabilidade na troca de correspondências e diálogos entre Mário de Andrade e Gabriela Mistral.

Pedro Duarte fecha essa parte, fazendo o balanço do modernismo e da crítica modernista na cultura brasileira contemporânea, suas repetições e relativa falta de originalidade diante de um legado tão programático.

Por fim, mas, não menos importante, procuramos trazer também a discussão mais plural das linguagens artísticas mobilizadas no âmbito do modernismo como movimento cultural, a exemplo da música, que ficou, de certa forma, meio secundarizada em relação à poesia e a literatura, essas sim constantes, mais acessíveis, inclusive, e pertinentes à longa tradição literária e bacharelesca brasileira que, em tese, o modernismo prometia superar. O mesmo valendo para problemas estéticos que se seguiram ao modernismo, muitas vezes buscando contornar ou mesmo enfrentar seu legado centralizador.

Pedro Meira Monteiro, por sua vez, vê o documentário AmarElo (2020), de Emicida, como uma defesa às vésperas do centenário da Semana de Arte Moderna e já durante a pandemia, como uma nova linhagem para o movimento modernista no Brasil. As quebradas seriam a fonte de um encantamento órfico, como se delas emergisse, à meia luz, uma toada abrangente e porosa a carregar consigo os desafios da população negra e periférica, que guardaria o segredo nem sempre confessado da força da imaginação modernista.

Maurício Hoelz volta à revista *Ariel* para recompor, ao modo genealógico, isto é, recuperando gestos perdidos em grande medida na cultura bacharelesca tão centrada na literatura, camadas esquecidas do tema lançado por Gilda de Mello e Souza sobre a centralidade do pensamento musical de Mário de Andrade como matriz da crítica literária modernista.

Mario Câmara reconstitui o tema das viagens de Mário Pedrosa (Alemanha, Estados Unidos e Chile) para mostrar como cada um desses deslocamentos provocou uma inflexão em

sua maneira de conceber a relação entre arte, política e sociedade. O texto se concentra mais no Chile, destacando seu papel na criação do Museu da Solidariedade.

"Meu tio Iauaretê", de Guimarães Rosa, é analisado por Maurício Ayer para mostrar relação fronteiriça que Rosa mantém com o modernismo de 1928, ou seja, com *Macunaíma* e o "Manifesto antropófago", bem como aquilo que desenvolve como a "agonia do tensionamento da fronteira tanto exterior – que opõe o desonçamento e desindianização da terra à resistência de onças e índios – quanto interior – no movimento entre a turvação e a nitidez do pertencimento solidário ao universo diferencial do todo-floresta".

Uma "modernidade desconfiada" reaparece nos indícios de textualidades no futebol e na imprensa da capital mineira nos anos de 1920 a 1940. Ives Teixeira Souza e Nísio Teixeira discutem as características que aproximam os espaços físicos destinados à prática do futebol na cidade com o modo como a imprensa e o seu discurso sobre o fazer jornalístico atuaram.

Por fim, a obra de Guilherme Vaz ganha atenção a partir de sua crítica aos modelos formais e institucionalizados das artes moderna e contemporânea no artigo de Franz Manata. Propõe-se que sua prática — centrada na escuta, no tempo e no deslocamento — reposiciona o papel social do artista, recusando o objeto artístico como mercadoria e investindo em uma estética do sujeito.

Diante da grande oferta de artigos com que a comunidade acadêmica atendeu nosso convite para este dossiê, nossas escolhas, como organizadores, além de critérios editoriais próprios da chamada e da revista que o acolhe, buscou, assim, mostrar como a agenda do modernismo segue pulsante e criativa. Especialmente, destacamos, o trabalho formal do modernismo que, em sua busca por forjar uma linguagem literária brasileira, acabou por ampliar, pluralizar e criar maior representatividade, aproximando o homem comum e o cotidiano da e na expressão artística, contra os modelos pré-concebidos de literário, versificação, sensibilidades e imaginação vigentes no parnasianismo, tão ligado à estética naturalista então vigente, aliás, continua sendo uma fronteira. Mesmo que o espaço artístico já não possa mais ser considerado linear, como no paradigma da "formação", como se pode perceber, por exemplo, em

correntes estéticas contemporâneas que combinam reconhecimento com certo retorno de uma estética naturalista, especialmente no romance, a forma burguesa por excelência.

Convidada pelos organizadores do dossiê, a artista plástica Lena Bergstein compôs um ensaio visual especialmente para essa edição selecionando trabalhos seus. São gravuras que integram um conjunto maior e partem de um livro em escrita em que a artista reflete sobre a Palestina, refugiados e dor da partida. Pensar o contemporâneo e o processo que o presente ainda esconde a partir das artes visuais nos ajuda a redimensionar transversalidades e textualidades do horizonte de expectativas modernista que, mesmo contestado e recriado, definiu em vários campos o século XX. O presente não é um acúmulo de passados. E para pensar a relação entre eles nunca foi tão necessário perspectivas descentradas e imprevistas.

Boa leitura!

André Botelho, Denilson Lopes e Rodrigo Jorge Neves